

VIANA

MARANHÃO



IBGE — CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

VIANA

MARANHÃO

- ☆ **ASPECTOS FÍSICOS** — Área: 818 km² (1956); altitude: 20 m; temperatura média em °C das máximas: 32; das mínimas: 29.
- ☆ **POPULAÇÃO** — 26 156 habitantes (estimada para 1-VII-1956); densidade demográfica: 32 habitantes por quilômetro quadrado.
- ☆ **ATIVIDADES PRINCIPAIS** — Pecuária e cultura da mandioca e do arroz.
- ☆ **VEÍCULOS REGISTRADOS** (na Prefeitura Municipal) — 9 caminhões.
- ☆ **ASPECTOS URBANOS** (sede) — 160 ligações elétricas.
- ☆ **ASSISTÊNCIA MÉDICA** (sede) — 1 hospital geral com 6 leitos; 1 médico no exercício da profissão.
- ☆ **ASPECTOS CULTURAIS** — 22 unidades escolares de ensino primário fundamental comum; 1 biblioteca.
- ☆ **FINANÇAS MUNICIPAIS PARA 1956** (milhares de cruzeiros) — receita prevista total: 1 023; receita tributária: 223; despesa realizada: 1 683.
- ☆ **REPRESENTAÇÃO POLÍTICA** — 9 vereadores em exercício.

Texto de Renato Rocha e desenho da capa de Marcos Vinícius da Rocha, da Diretoria de Documentação e Divulgação do CNE.

ASPECTOS HISTÓRICOS

NA segunda metade do século XVII, os jesuítas fundaram a Missão de Conceição de Maracu, deslocando para aquêl local certo número de índios Guajajaras procedentes da aldeia do Itaqui. Mas, ao que parece, sòmente em princípios do século seguinte os padres da Companhia de Jesus se estabeleceram na região, edificando, na extremidade de “um esporão de terra firme que avança entre a lagoa e uma das suas enseadas”, uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Há, também, notícias relativas à exploração de minas de ouro para as bandas do rio Turi.

Aos padres jesuítas vieram juntar-se posteriormente, sob os auspícios da administração pública, alguns colonos portuguezes que, acompanhados de grande número de escravos negros, se localizaram na sede da aldeia e em outros pontos, dedicando-se ao comércio e à agricultura.

Em 8 de julho de 1757, foi criada a vila, com a denominação de Viana, pelo governador da Capitania, Gonçalo Pereira Lobato e Sousa, que ali compareceu acompanhado de outras autoridades. Em nome do govêrno portuguez, o governador tomou posse da vila e de todos os bens a ela pertencentes, conforme a relação que lhe foi apresentada pelo padre Manuel das Neves, da Companhia de Jesus, missionário que administrara a antiga aldeia, assistido pelo padre José Rancone, como procurador do seu colégio.

Pelo mesmo governador, foi concedida à vila, em 30 de outubro de 1759, uma légua de terra em quadra para o seu patrimônio. A título de indenização, por ser a doação parcialmente alagadiça, ser-lhe-ia concedida mais tarde nova porção de terra, contígua ao antigo patrimônio.

Em 1768, o governador Joaquim de Melo e Póvoas, relatando à coroa portugueza a viagem que fizera ao interior da Capitania, informava haver estado em Viana, achando excelente a sua situação. Encontrara uma “boa igreja, suficiente casa de câmara e uma forte cadeia”. Visitou a escola, que “estava muito

bem provida de rapazes”, dos quais “alguns escrevem bem”. Ainda de acôrdo com o depoimento do governador, a vila dispunha de boas casas, embora tôdas cobertas de palha, e de uma boa olaria, tendo êle ordenado que as casas em construção e as que de futuro se levantassem fôsem cobertas de telhas, ajudando-se os moradores uns aos outros.

Provida de paróquia desde 1757, quando cessou a jurisdição temporal e secular dos missionários regulares que administravam a Missão, a vila passou a ser assistida espiritualmente por vigários designados pelo bispado.

Em 1820, contava a localidade uma grande praça, cinco ruas e algumas travessas, com 137 fogos e 843 almas, em cujo número se incluíram aproximadamente 400 índios domesticados.

A comarca, criada pelo Art. 1.º da Lei provincial de 29 de abril de 1835, compreende os Municípios de Viana e Mearim.

A Lei provincial n.º 377, de 30 de junho de 1855, elevou a vila à categoria de cidade.

Em 1860, a população do Município compunha-se de 6 506 pessoas livres e 1 939 escravos.

Pela divisão territorial vigente em 1.º de janeiro de 1958, o Município compõe-se de apenas um distrito, o do mesmo nome.

Em Viana, nasceram Antônio Bernardo da Encarnação e Silva (1799-1848), lente de retórica e poética do Liceu Maranhense; Celso Magalhães (1849-1879), poeta, novelista, crítico e magistrado, um dos precursores dos estudos folclóricos no Brasil; Antônio Lopes da Cunha (1889-1950), magistrado, professor, jornalista e poeta, membro da Academia Maranhense de Letras; e Raimundo Lopes da Cunha (1894-1941), naturalista e etnógrafo de renome, autor de vasta obra literária.

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

A SEDE municipal de Viana dista (em linha reta) 107 km da capital estadual. Coordenadas geográficas: 3º 14' de latitude sul e 44º 59' de longitude W. Gr.

O Município está localizado na Zona Fisiográfica da Baixada.



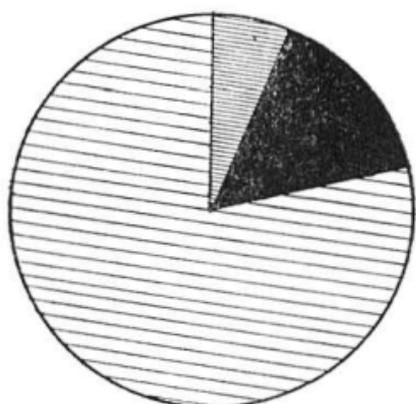
ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

DISPERSA por uma área de 790 quilômetros quadrados em 1955, a população de Viana atingia, na mesma data, 25 898 habitantes (estimativa do DEE), de que resulta uma densidade demográfica da ordem de 33 pessoas por quilômetro quadrado (em 1950, segundo o Censo a população era de 22 827 habitantes, dos quais 11 288 homens e 11 539 mulheres). Essa densidade coloca o Município em posição de sétimo lugar em relação a êsse índice demográfico no Maranhão. Releva notar que, dessas 7 comunas, três — Viana, Matinha e São Bento — estão na região fisiográfica da Baixada, duas — Coelho Neto e Duque Bacelar — na do Baixo Paraíba e as outras duas — São Luís e Ribamar — na do Litoral do Norte.

Ressalvadas as exceções, os principais núcleos populacionais seguiram os cursos dos rios — quando não se ativeram ao litoral —, aproveitando a extensa rede hidrográfica maranhense como eficiente meio de transporte e penetração.

As características demográficas do Município em alguns aspectos se assemelham às

do Estado. Por exemplo: há predominância quase absoluta de brasileiros natos (99,9%, em ambos os casos) e, dentre êsses, a grande maioria professava a religião católica (Viana: 99%; Maranhão: 98%). Quanto à discriminação segundo a côr, na comuna há ligeira predominância de brancos (42%) sôbre pardos



(36%); em todo o Estado a metade da população é parca e 34%, branca. Também quanto à localização, embora a maior parte da população esteja no quadro rural (78% em Viana e 83% no Maranhão), nos quadros urbano e suburbano do Município estão, respectivamente, 6%

e 15% dos habitantes, enquanto que as percentagens correspondentes ao Estado são: 10% e 7%.

Na cidade acham-se 22% da população, visto a população do Município ter maior atividade na agricultura e na pecuária.

PRINCIPAIS ATIVIDADES

ECONÔMICAS

CONSIDERANDO-SE a população de 10 anos e mais, o principal ramo de atividade é "agricultura, pecuária e silvicultura": 63%. A indústria extrativa é o segundo ramo, com 25%. Note-se que o total a que se referem as percentagens de atividade da população exclui as pessoas ocupadas em atividades domésticas não remuneradas e escolares discentes, naquelas que não puderam ser incluídas nos diversos ramos, nas não definidas ou não declaradas.

Agricultura e pecuária

TENDO em conta certas características, inclusive de ordem econômica, alguns estudiosos situam o Município de Viana na chamada Zona dos Campos da Baixada (na parte

dos campos baixos em contraposição aos tesos), que corresponde à Zona da Baixada, na divisão regional, e se estende a sul e a sudoeste do golfão, abrangendo os cursos inferiores dos rios Pericumã, Pindaré, Mearim, Itapecuru e médio Turiaçu. Aí, a predominância é da pecuária e da agricultura de subsistência, embora não exista, especificamente, uma zona agrícola ou pecuária, mas, antes, um complexo de atividades, com ligeira predominância, conforme o lugar, de uma sobre outra.

De modo geral, a agricultura aparece ao lado da pecuária nos municípios em que se dá o contato dos campos com a mata. Na baixada, todavia, à parte a agricultura de subsistência, encontram-se duas zonas agrícolas importantes — uma delas é a de Viana, onde são cultivados a mandioca e o arroz, principalmente, como se pode verificar pela tabela a seguir (dados do Serviço de Estatística da Produção, 1955):

ESPECIFICAÇÃO	VALOR DA PRODUÇÃO	
	Números absolutos (Cr\$ 1 000)	% sobre o total
Mandioca.....	4 000	64,16
Arroz com casca.....	1 250	20,05
Outros (1).....	984	15,79
TOTAL.....	6 234	100,00

(1) Em outros estão incluídos milho, cana-de-açúcar, fumo em fôlha, banana, côco-da-baía, feijão, manga, tomate, algodão, mamona, café, abacate, laranja, cacau em fava, etc.

A produção de mandioca e arroz, no último quinquênio, foi a seguinte:

ANOS	MANDIOCA		ARROZ COM CASCA	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$ 1 000)	Quantidade (saco de 60kg)	Valor (Cr\$ 1 000)
1951.....	35 000	5 250	16 800	504
1952.....	20 000	4 000	25 000	1 250
1953.....	18 000	2 160	40 000	4 000
1954.....	17 000	2 040	45 000	3 150
1955.....	20 000	4 000	25 000	1 250

A Zona dos Campos da Baixada — como, ademais, a do Baixo Sertão, que lhe sucede, no sentido do litoral para o interior — é a

sede própria da agricultura maranhense, que aí encontrou condições para desenvolvimento. A atividade agrícola vem decrescendo, no entanto.

Como já se observou, todavia, a pecuária tem bastante expressão, e embora extensiva, é bastante representativa. Últimamente tem havido a preocupação, por parte dos criadores, de melhoria do gado, com a introdução de reprodutores da raça zebu. Como não há pastos cercados no Município, a influência que poderia ser exercida sobre a qualidade dos rebanhos é diminuída. A pecuária sofre também os efeitos da variação climática de duas estações bem marcadas, pois no Maranhão, do mesmo modo que na Amazônia, denomina-se “verão” a época sêca, qualquer que seja o período em que ocorrer, ao passo que ao período chuvoso chamam “inverno”. Assim, se no “inverno” o gado bovino pasta dentro d’água, no “verão” não é difícil, em muitos locais, sofrer justamente a falta de água e do pasto. Para evitar êste fato, os vaqueiros fazem a mudança do gado para lugares apropriados, retornando na época das cheias dos campos baixos. No “verão” ou nos meses de janeiro e fevereiro é feita a engorda do gado nos campos baixos. De Viana — e de Pindaré-Mirim — o gado segue para Cajapió ou Vitória do Mearim, onde passa o “inverno”, atinge Santa Helena, partindo de Pinheiro, voltando depois aos campos férteis de Pericumã.

O pôrto de Inveja, em Viana, é um dos pequenos portos pelos quais se efetua o comércio de gado, mantido principalmente com São Luís. O transporte é feito pelas gabarras — barcos de vela, típicos —, embora seja o gado também transportado “em pé”.

A importância econômica da pecuária mais se evidencia no comércio do gado, enviado para abate na Capital. A produção de leite é reduzida, sendo a industrialização, por isso mesmo, limitada. Só incidentalmente êsse alimento entra na dieta da população local: os homens dos currais costumam tomá-lo misturado com farinha d’água ou sêca, pirão que por vêzes acompanha a carne ou peixe assado. No próprio retiro, em pequena quantidade, consomem-se a nata e a coalhada, usando utensílios geralmente rudimentares.

Viana conta com 38 000 cabeças de gado bovino — o primeiro rebanho da Zona a que

pertence e um dos seis principais do Estado — e 40 000 cabeças de suínos.

O valor total da população pecuária atingiu, em 1955, 94 milhões de cruzeiros.

Produção extrativa vegetal

O MARANHÃO é o principal produtor de babaçu dentre os Estados do Brasil. Os grandes produtores estaduais extraem uma quantidade que varia entre 1 000 e 5 000 toneladas (com exceção de Dom Pedro — 7 000 toneladas) e localizam-se principalmente nas Zonas do Itapecuru, da Baixada e do Baixo Mearim. Viana produziu, em 1955, 1 500 toneladas, com valor aproximado de 9 milhões de cruzeiros; está colocado entre os primeiros produtores de sua Zona.

Segundo alguns autores, no Maranhão os babaçuais típicos, sob o ponto de vista econômico, localizam-se na Baixada, embora quanto ao aspecto florístico não se dê o mesmo.

Von Martius, o primeiro a estudar a palmeira, chamou-a *Attalea speciosa*, e Barbosa Rodrigues, que a classificou em 1898, denominou-a *Orbignia martiana*. Seu nome vulgar, entretanto, parece ser de origem tupi, significando “côco grande”.

Se bem que a palmeira seja espontânea nas regiões que constituem seu *habitat*, estendendo-se do Mato Grosso ao Amazonas, pelo oeste, e da Bahia aos sertões do Pará, a região de sua preferência compreende os Estados do Maranhão e Piauí. É interessante observar que as palmeiras se renovam independentemente do trabalho do homem, pois queimadas ou derrubadas, para roçados, são sucedidas por outras.

O aproveitamento da palmeira é quase integral: o caule pode ser empregado para o fabrico do papel, bem como as folhas. Estas últimas, que não tiveram ainda aplicação industrial de importância, são empregadas também nas indústrias domésticas de fabricação de peneiras, abanos, esteiras, palitos, cordas e na cobertura de habitações.

O produto mais valioso da palmeira é, contudo, o côco, empregado largamente na fabricação de óleos.

O trabalho nos cocais, via de regra feito ainda por processos manuais, embora já exista maquinaria, é confiado, em sua maior parte,

a mulheres e meninos, enquanto os homens se dedicam à lavoura.

O trabalho das colheitas e quebra do côco prolonga-se por seis meses, enquanto que no resto do ano o trabalhador se ocupa do pastoreio do gado, roçados, etc.

O número de palmeiras por hectare é, em geral, muito grande e, segundo Fróis Abreu, atinge mais de 500. Alguns estudiosos concluíram, todavia, que o número ideal é de 100 por hectare, a fim de permitir a rápida colheita do côco e o transporte à usina beneficiadora.

Produção florestal

Os grandes produtores maranhenses de madeira para construção prepararam de 2 000 a 8 000 m³ — exceção feita para Pirapemas (9 000 m³). Viana está entre êles (SEP-1954) com 2 380 m³, no valor de 476 milhares de cruzeiros.

Pesca

O PESCADO é um dos elementos básicos da dieta de parte da população e apresenta, ao lado da agricultura e da pecuária, na Baixada, certa importância econômica. De modo geral, é utilizado na alimentação o peixe fresco ou salgado, com farinha; êste último no “inverno”. A pesca, na região da Baixada, utiliza vários processos: a “tapagem”, barragem de terra sustentada por cêrcas de pindoba, armada no escoadouro dos lagos e igarapés; o anzol, o arpão, o timbó, a tarrafa e, nos campos das margens dos lagos, o “socó”, uma espécie de cone truncado feito de varas descascadas.

Afora êstes, existem outros processos, como a “cêrca”, a “camboa” e a “moponga”. A primeira é uma espécie de “curral de peixe”, feita de talos e colocada em local apropriado; a segunda consiste na reunião de certo número de pescadores que, em canoas, fecham gradativamente o cêrco ao pescado, utilizando suas tarrafas; a última é também uma aglomeração de pescadores, que, molhados até a cintura, batem a água, de maneira que o peixe se dirija para lugar em que se torne fácil a sua apreensão. A “moponga” é geralmente utilizada no campo inundado.

Os peixes são variados e numerosos. Curimatãs, piranhas, acarás, piabas são co-

muns nos lagos; nos rios, há os pirapemas, mandis, etc. Para Viana, esta diversidade pode ser verificada através dos dados do Serviço de Estatística da Produção para o ano de 1955:

ESPECIFICAÇÃO	Quantidade (t)	Valor (Cr\$ 1 000)
Curimatã.....	80	640
Traíra.....	60	420
Aracu.....	50	350
Pescada.....	40	280
Tapiaca.....	50	250
Surubi.....	30	150
Piranha.....	20	100
Calambanje.....	20	80
Jeju.....	10	50
Liro.....	10	50
Pirapema.....	10	40
Mandi.....	10	40
Acará.....	10	30
Outros.....	20	80
TOTAL.....	420	2 560

No último quinquênio, foi a seguinte a produção pesqueira do Município:

ANOS	Quantidade (t)	Valor (Cr\$ 1 000)
1951.....	5	22
1952.....	238	974
1953.....	181	1 164
1954.....	244	1 573
1955.....	420	2 560

A importância da pesca é relativa, visto como as grandes comunas maranhenses, neste particular, atingem produção de 600 a 1 700 toneladas (com exceção de Cururupu, 8 000 toneladas, e Penalva, 2 500 toneladas). Embora não se coloque entre esses grandes produtores, Viana tem posição de realce no grupo em que se acha.

O peixe salgado, que, como já foi visto, é utilizado na alimentação dos vianenses, é vendido para os municípios vizinhos. Em 1954, a quantidade de peixe salgado e seco atingiu quase 10 toneladas, no valor de 98 milhares de cruzeiros.

MEIOS DE TRANSPORTE

As vias terrestres de transporte não se desenvolveram suficientemente, de modo que a rede hidrográfica ainda tem papel im-

portante nas comunicações. No Pindaré, por exemplo, a navegação a vapor é feita francamente no trecho inferior, até Engenho Central; durante a época das chuvas os navios podem entrar no Maracu, fazendo escala em Viana. Os próprios lagos, que funcionam como coletores de águas pluviais, servem de vias de transporte, porque, em determinadas épocas, tão grande é o volume de suas águas que transbordam, invadem os campos baixos, estabelecendo perfeita ligação das “conchas” entre si. Viana pode ser alcançada, desta maneira, em canoas conduzidas a vara ou a remo, viajando-se pelos campos de São Bento ou Pinheiro. O Município é servido por táxis-aéreos.

Viana liga-se aos municípios vizinhos e às capitais estadual e federal pelos seguintes meios de transporte:

Arari — Fluvial: 115 km.

Cajari — Fluvial ou rodoviário: 20 km.

Matinha — 1) Aéreo: 15 km; 2) Misto — a) rodoviário: 6 km; b) fluvial: 9 km.

Penalva — 1) Fluvial ou rodoviário: 27 km; 2) Aéreo: 18 km.

Pinheiro — Rodoviário: 128 km.

Capital Estadual — 1) Aéreo: 110 km; 2) Fluvial e Marítimo: 161 km.

Capital Federal — Via São Luís, já descrita. Daí ao DF: 1) Marítimo: 3 497 km; 2) Aéreo: 3 342 km.

SALÁRIOS

O SALÁRIO mínimo em vigor desde 1.º de agosto de 1956 foi fixado para as Unidades da Federação segundo as regiões em que as mesmas foram divididas.

Ao Estado do Maranhão, compreendido na 3.ª região, corresponde um salário mínimo mensal de Cr\$ 2 000,00 na 1.ª sub-região (Município de São Luís) e Cr\$ 1 600,00, na 2.ª (demais municípios).

Relativamente a Viana, as percentagens para efeito dos descontos estabelecidos em lei são: alimentação, 49%; habitação, 29%; vestuário, 16%; higiene, 5%; transporte, 1%.

COMÉRCIO

Os grandes centros do comércio varejista maranhense — excetuando o maior deles, São Luís — estão na Zona do Itapecuru e do Baixo Mearim. Mesmo assim Viana tem relativa importância no comércio varejista da Zona a que pertence.

O comércio de gado da comuna com a Capital é feito intensamente pelo pôrto de Inveja. O Município é servido por linha regular de navegação fluvial, com sede em São Luís, utilizando-se lanchas motorizadas para escoamento dos gêneros da comuna para a Capital maranhense.

EDUCAÇÃO

Com base nos dados censitários de 1950, pode-se estimar que, atualmente, a percentagem de pessoas alfabetizadas no Município seja superior a 33%, quota observada naquele ano (calculada sôbre o total das pessoas presentes de 10 anos e mais). Êste valor é bem maior que a percentagem relativa ao Estado do Maranhão (25%).

Em 1955, segundo dados do Serviço de Estatística da Educação e Cultura, o Município possuía 22 unidades de ensino primário fundamental comum.

FINANÇAS PÚBLICAS

No período 1951/56, o orçamento do Município atingiu as seguintes cifras (dados fornecidos pelo Conselho Técnico de Economia e Finanças):

ANOS	ORÇAMENTO (Cr\$ 1 000)		
	Receita prevista		Despesa fixada
	Total	Tributária	
1951.....	450	172	450
1952.....	450	172	450
1953.....	841	311	841
1954.....	841	311	841
1955.....	1 000	435	1 000
1956.....	1 023	224	1 683

As principais contas em que se decompõe a receita tributária prevista para 1956 são as seguintes:

	(Cr\$ 1 000)
Tributária	224
Impostos	85
Predial	6
Sobre indústrias e profissões	36
De licença	21
Jogos e diversões	1
Outros	21
Taxas	139
Assistência e segurança social	2
Rodoviárias	16
Estatística	21
Fiscalização e serviços diversos	79
Limpeza pública	1
Outras	20

Em 1956 a despesa municipal, segundo os serviços, estava assim distribuída:

	(Cr\$ 1 000)
Despesa total	1 683
Administração geral	841
Exação e fiscalização financeira	37
Segurança pública e assistência social	13
Educação pública	58
Saúde pública	6
Dívida pública	2
Encargos diversos	726

A arrecadação da receita federal, estadual e municipal apresentou os seguintes dados para o período 1951/56:

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr\$ 1 000)		
	Federal (1)	Estadual (1)	Municipal (2)
1951.....	217	596	450
1952.....	212	882	450
1953.....	250	1 328	841
1954.....	291	1 130	841
1955.....	385	1 346	1 000
1956.....	650	1 846	1 023

(1) Inspeção Regional de Estatística Municipal.
 (2) Dados do orçamento.

DIVERSOS ASPECTOS DA VIDA MUNICIPAL

VIANA está na zona da Baixada, às margens do Mearim e do Pindaré. O relevo é característico da região dos Campos Baixos. Na época das chuvas, parte de seu território é

invadida pelas águas, permitindo até a comunicação com outras localidades por intermédio de canoas a vara ou a remo.

Os rios e os lagos — a cidade está às margens do maior deles: o de Viana — dão aspecto típico ao transporte regional e asseguram ao Município a situação de uma das principais comunas pesqueiras do Maranhão. Os diversos modos de pesca — cada qual mais pitoresco — unem-se às histórias e lendas que a imaginação popular forjou para dar a Viana peculiaridades folclóricas interessantes.

A pesca de “tapagem” é um processo usado na região. Geralmente as tapagens são públicas, tendo primazia na pesca o primeiro que chegar. No leito do igarapé, deixa-se cair uma pindoba aberta, a fim de destacar os cardumes, contrastando com o lodo. O “canteiro” — o pescador que se coloca no jirau —, assim que percebe a afluência do peixe, asso-bia, sinal convencionado para alertar os companheiros, lançando todos, então, suas tarrafas. Depois de algumas tarrafadas voltam à calma, mantendo-se em silêncio para não espantar o peixe. No período de maio a junho é grande a quantidade de pescado obtido, quase sempre em pescas noturnas.

À margem dos lagos do Município descem bandos de marrecas, cuja caçada é, além de proveitosa, bastante pitoresca.

O tipo de habitação na Zona é característico, com pequenas alterações. Às margens dos lagos e campos baixos o homem levanta uma palhoça ou rancho rudimentar. Aí vigia o gado, cria patos e porcos, pesca e caça, vendendo no local o produto dessas duas últimas atividades. Se fôr vaqueiro de fazenda abastada, tem sua casa-jirau, à borda da mata ou nas ilhas e capões. O curral fica ao lado da habitação.

Acha-se instalada no Município uma Agência Municipal de Estatística, órgão coletor do sistema estatístico brasileiro.

ESTA publicação faz parte da série de monografias municipais organizada pela Diretoria de Documentação e Divulgação do Conselho Nacional de Estatística. A nota introdutória, sobre aspectos da evolução histórica do Município, corresponde a uma tentativa no sentido de sintetizar, com adequada sistematização, elementos esparsos em diferentes documentos. Ocorrem, em alguns casos, divergências de opinião, comuns em assuntos dessa natureza, não sendo raros os equívocos e erros nas próprias fontes de pesquisa. Por isso, o CNE acolheria com o maior interesse qualquer colaboração, especialmente de historiadores e geógrafos, a fim de que se possa divulgar de futuro, sem receio de controvérsias, o escôrcço histórico e geográfico dos municípios brasileiros.

Presidente: Jurandyr Pires Ferreira

Secretário-Geral em exercício: Hildebrando Martins

COLEÇÃO DE MONOGRAFIAS

(2.^a série)

101 — Santa Quitéria. 102 — Guaíba. 103 — Adamantina. 104 — Prudentópolis. 105 — São Fidélis. 106 — Brusque. 107 — Patos. 108 — Propriá. 109 — Mossoró. 110 — Quixeramobim. 111 — Cipó. 112 — Cachoeira do Sul. 113 — Floriano. 114 — Baependi. 115 — Guaçuí. 116 — Ponte Nova. 117 — Goiânia. 118 — Caxambu. 119 — João Pessoa. 120 — Mariana. 121 — Jaboatão. 122 — Carandaí. 123 — Tijucas. 124 — Estância. 125 — Caruaru. 126 — São Pedro do Sul. 127 — O Vale do Cariri. 128 — Açu. 129 — Lençóis. 130 — Bom Jesus. 131 — Cangussu. 132 — Juazeiro do Norte. 133 — Livramento. 134 — Rio Claro. 135 — Itajubá. 136 — Buquim. 137 — Conceição do Mato Dentro. 138 — Campo Maior. 139 — Dois Córregos. 140 — Paranaíba. 141 — Lapa. 142 — Picuí. 143 — Território do Acre. 144 — Russas. 145 — Três Pontas. 146 — Juazeiro. 147 — São Lourenço. 148 — Januária. 149 — Santo Amaro. 150 — Barra Mansa. 151 — Marquês de Valença. 152 — Osório. 153 — Viana. 154 — Irati. 155 — Muqui. 156 — Vassouras. 157 — Magé. 158 — Cantagalo. 159 — Santarém. 160 — Araraquara.

Acabou-se de imprimir, no Serviço Gráfico do IBGE, aos onze dias do mês de março de mil novecentos e cinquenta e oito.